

Recebido em mar. 2013

Aprovado em jun. 2013

A ESSÊNCIA DA TÉCNICA EM HEIDEGGER

RAFAEL PAES HENRIQUES *

RESUMO

Para o pensamento grego, a *téchne* é uma forma de *produção* ligada a um saber-fazer desde o qual tudo se articula numa determinada orientação. Nessa perspectiva, técnica é *poiésis*, cujo modo de condução deve obedecer à natureza para levar algo à vigência. Com a técnica moderna, surgiu a crença de que o modo de articulação deve ser determinado pelo homem. Nessa forma de desencobrimento, procura-se conhecer a natureza, não para se ajustar às suas necessidades, mas para dominá-la. Desde tecnologia, o homem provoca e desafia a realidade o tempo inteiro e é a natureza quem se ajusta as suas vontades.

PALAVRAS-CHAVE

Técnica. Tecnologia. Dis-posição. Heidegger.

* Doutor em Filosofia pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, professor Adjunto I do Departamento de Comunicação Social da UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Trabalha com os seguintes temas: Tecnologia; Metafísica; Conhecimento e Análise do Discurso.

ABSTRACT

For the Greek thought, *téchne* is a form of production connected to a know-how according to which everything is coordinated in a given orientation. Under that light, technique is *poiésis*, whose mode of conduction must follow nature in order to take something to terms. Modern technique brought about the belief that the mode of articulation must be determined by men. In this form of unveiling, one seeks to know nature not in order to be adjusted to its necessities, but rather to dominate it. After technology, men provokes and challenges reality all the time, and it is nature that must adjust itself to his will.

KEYWORDS

Technique. Technology. Dis-position. Heidegger.

Consequentemente, basta descobrir essas leis da natureza que o homem não terá mais de responder pelos seus atos, e viver, para ele, será extremamente fácil. Evidentemente todas as ações humanas serão calculadas matematicamente, de acordo com essas leis, numa espécie de tábua de logaritmos [...].

Fiódor Dostoiévski

1. INTRODUÇÃO

Os sinais estão por todos os lados e evidenciam o ponto em que estamos. A crescente hegemonia e valorização da tecnologia são cada vez mais visíveis, se manifestando em todas as esferas da experiência contemporânea. O homem se informa, se comunica, se diverte e se distrai por meio de instrumentos tecnológicos: o jornal impresso, o rádio, a televisão, o cinema e a internet, são exemplos de produtos disponíveis para essas finalidades. O mercado de consumo nos convoca o tempo inteiro para estarmos sempre mais “atualizados”. Numa velocidade progressivamente maior, “novas novidades”, *gadgets* eletrônicos com diversas aplicações são lançados como forma de nos intimar a também “fazer parte”. Até mesmo as relações pessoais podem, sem embargo, ser instauradas desde a mediação técnica, seja nas comunidades virtuais, seja em conversas *online*.

A própria atividade artística, que sempre pertenceu ao âmbito da técnica, como saber fazer, também está inserida nesse mesmo contexto, no qual tudo, inclusive o que sempre foi técnico, se torna tecnológico. Poemas podem ser gerados automaticamente por meio de

softwares de computador; instalações artísticas criam obras audiovisuais com recursos interativos, possíveis graças ao desenvolvimento de dispositivos tecnológicos; *shows* musicais são realizados sem a presença dos artistas, como é o caso do uso de hologramas ou da transmissão ao vivo, e simultânea, para várias salas de cinema em diversas cidades diferentes.

Até mesmo o progresso da ciência se apresenta como algo que depende intimamente dos avanços da tecnologia. Isso quer dizer que ciência e técnica vivem, neste princípio de século XXI, uma relação de interdependência nunca antes experimentada. E há ainda um aspecto curioso e que é bastante sintomático de nossa época: quanto mais aplicada é a investigação e quanto mais indispensáveis são as ferramentas e instrumentos tecnológicos para a sua realização, mais valorizada e importante, mais “de ponta” ela se torna. É o caso das pesquisas em nanotecnologia, neurociências e em cibernética, por exemplo. Como consequência desse parâmetro, em nosso tempo, a tecnologia é a melhor régua, a medida mais certa e segura para a determinação da realidade do real.

No campo do trabalho e da produção, a tecnologia também se faz evidente. Toda e qualquer atividade, mesmo as mais simples, hoje são executadas através de aparelhos e dispositivos tecnológicos. Prova disso são os anúncios de jornal que oferecem vagas de porteiro, cujo pré-requisito é o domínio de noções de informática. É que a identificação dos visitantes de muitos edifícios comerciais é realizada por meio de um sistema informático que dever ser operado pelo

funcionário. Difícil imaginar uma tarefa ou ocupação que, atualmente, não faça uso de máquinas e aparelhos técnicos, sendo o computador a principal ferramenta de trabalho para uma infinidade de profissões.

Isso porque, na era da técnica, o computador é a máquina das máquinas. Computador é justamente o dispositivo capaz de computar, isto é, de contar, calcular a realidade de maneira precisa. É interessante notar que em espanhol e francês, duas outras línguas neolatinas, computador é ordenador e que, apesar da diferença, a palavra está apontando exatamente para a execução da mesma função. Computar é enumerar, calcular, mas é também determinar antecipadamente, ou seja, é aquilo com o que conto, no sentido de ser *o que posso contar previamente*. E ordenador significa o aparelho que põe em ordem, que organiza, ou seja, é a ferramenta desde a qual se estrutura tudo, por antecipação e a partir de uma orientação prévia.

Desse modo, os instrumentos tecnológicos, cujo modelo paradigmático é o computador/ordenador, estão sempre nos convocando a realizar as mais variadas atividades, em todas as esferas da experiência contemporânea. Só que a urgência de se pensar verdadeiramente a tecnologia e a sua crescente onipresença não torna a tarefa mais simples ou evidente, mas o contrário. Seja no âmbito da informação, do consumo, da comunicação, do entretenimento, da arte, da ciência ou do trabalho, todos os afazeres, que se medem desde a medida das máquinas e aparelhos tecnológicos, parecem nos requisitar sempre do *mesmo modo* e desde a *mesma*

medida. Resta saber que encaminhamento é esse, qual é o *modo de ser da tecnologia*?

Talvez aquilo que procuramos com essa pergunta se encontre muito próximo; tão próximo que muito facilmente não o vemos. Porque o caminho para o que está próximo é para nós, homens, sempre o mais longo e, por isso, o mais difícil. Este caminho é um caminho de reflexão (HEIDEGGER, s/d., p. 22-23).

Sendo assim, é sempre indicado dar um passo atrás, se afastar um pouco na tentativa de enxergar melhor aquilo com o que estamos, o tempo todo, lidando. É que, na maioria das vezes, a proximidade nos faz perder o “foco”. Os diversos dispositivos e ferramentas tecnológicas estão tão perto e tão presentes em nosso dia-a-dia que é muito fácil se perder em análises que se limitam a defender ou condenar o uso desses instrumentos. De um lado, a tecnologia é compreendida como um mal a se evitar, uma vez que é fonte para a alienação e a escravização do homem, pela máquina: é a tecnofobia em seu grau mais extremo, que enxerga nos aparelhos técnicos a fonte de todos os nossos problemas. Em uma outra perspectiva de análise, os dispositivos tecnológicos são instrumentos libertadores do homem, já que são capazes de aliviar os fardos de nossa existência, reduzindo o trabalho e o sofrimento, aumentando o bem-estar e até mesmo expandindo os horizontes da vida humana. Tem-se, assim, a tecnofilia caracterizada por uma intensa apologia da máquina.

O passo atrás visa, justamente, à superação dessa falsa dicotomia. Na verdade, tanto um, como outro viés, olham para as diversas manifestações da

técnica moderna na preocupação de sua dominação e controle pelo homem. Dessa maneira, até mesmo essas duas perspectivas de análise já são o resultado do modo de funcionamento da tecnologia. São horizontes técnicos, isto é, compreensões da tecnologia que já operam desde o encaminhamento da técnica. Ao invés de olhar para as ferramentas e suas aplicações, no horizonte do seu apoderamento, o esforço da investigação deve ser o de refletir sobre a tecnologia, buscar a medida de sua ação, isto é:

[...] pensar o sentido do acontecimento subjacente à nossa era técnica: o fenômeno da dominação da máquina ou da mecanização sistemática da vida. Na promoção e intensificação deste processo vai se realizando, isto é, se essencializando, a era técnica ou tecnicismo contemporâneo, o qual se faz e se estrutura como tecnologia (FOGEL, 1998, p. 92).

Somente nesse encaminhamento, a tecnologia pode se revelar em seu modo próprio de ser. Já indicamos que, apesar de suas mais variadas aplicações, a tecnologia trabalha sempre desde uma espécie de “padrão”, nos convoca de um certo modo. O modelo computar/ordenar evoca e coloca em funcionamento um certo ser/agir. E é exatamente na promoção e intensificação dessa mesma origem que surge a estranha, fascinante e perturbadora força da técnica moderna.

2. O SENTIDO DA TÉCNICA

Conferência pronunciada por Heidegger no dia 18 de novembro de 1953, no *Auditorium Maximum* da Escola Técnica Superior de Munique, e publicada pela

primeira vez no ano seguinte, *A questão da técnica* transformou-se rapidamente num texto de vital importância para todos aqueles que se ocupam de investigar a técnica moderna. Nesse trabalho, o autor busca *pensar o sentido* (*Besinnung*) da atualidade e, por isso, desenvolve uma nova maneira de questionar o que é a técnica e as razões para a sua corrente onipresença. Entretanto essa nova forma de se perguntar pela técnica não tem nada a ver com um modo original no sentido de ser uma grande novidade ou uma abordagem que se ocupa de investigar os lançamentos mais recentes da indústria tecnológica. Na verdade, é justamente o contrário: o questionamento heideggeriano é novo porque é originário, isto é, se esforça para retomar, para repetir, a origem e, por isso, não poderia ser nada de mais antigo, de mais arcaico.

Isso quer dizer que, no lugar de concentrar sua análise no que está feito, ou seja, em vez de olhar para os diversos usos, aplicação ou dispositivos tecnológicos e seus acabamentos, todo o empenho de Heidegger vai no sentido, não de objetivar a técnica, transformando-a em uma coisa como outra qualquer, mas de procurar compreender justamente seu vigor de realização. É que, nessa perspectiva, o feito, de alguma forma esconde, justamente, a força do fazer. O que move e promove o que está realizado não é nada de claro e evidente, mas pode ser entrevisto, em toda e qualquer efetivação. Há sempre uma insinuação da dinâmica realizadora, em tudo aquilo que está sendo; são acenos, sinais – para quem pode ver – que devem ser perseguidos, pela investigação filosófica.

Dessa maneira, na conferência *A questão da técnica*, o questionamento apresentado por Heidegger segue o mesmo encaminhamento adotado em outros trabalhos de sua vasta obra, e se ocupa de investigar a *essência* (*Wesen*) da técnica moderna. Para não sugerir justamente o contrário do modo de investigação não-objetivante que apontamos anteriormente, a tradução de *Wesen* por *essência* precisa sempre vir acompanhada do seguinte alerta: quando faz uso do termo, o filósofo não quer apontar para uma natureza substancial da técnica, ou do que quer que seja, mas sim para uma certa disposição, uma força ou vigor fundamentais que a tecnologia carrega. Para fazer uma diferenciação e tentar evitar essa conotação essencialista de *Wesen*, talvez fosse melhor utilizá-la com a primeira letra em maiúsculo (*Essência*) como faz Carneiro Leão, na tradução de *Über de Humanismus* (*Sobre o humanismo*). “Esse substantivo não designa no texto essência, natureza, quiddidade, mas a estrutura em que vigora, i.é., desenvolve a força de seu vigor, agir” (LEÃO, Emmanuel Carneiro. In: HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*, 2009a, 3. ed., p. 23).

Outra solução foi a adotada pela tradutora da edição brasileira de *Unterwegs zur Sprache* (*A caminho da Linguagem*), Márcia Sá Cavalcante Schuback, que, além de *essência*, também utiliza as expressões *modo de ser*, *vigor*.

A palavra alemã *Wesen* significa comumente essência. Ao longo de sua obra e muito claramente no presente volume, Heidegger “destrói” o sentido de essência, devolvendo-o para a experiência de realizar o modo de ser, de

vigorar, expressa num antigo verbo alemão *wesen*, vigir, vigorar. Para acompanhar no texto a transformação do sentido eminentemente metafísico de essência para a experiência da simplicidade do vigor, [...] a tradução usou uma espécie de glissando semântico entre *essência, modo de ser e vigor*. [grifos nossos] (SCHUBACK, Márcia, In: HEIDEGGER, *A caminho da Linguagem*, 4. ed., 2008, p. 8).

O fundamental aqui é esclarecer que, no sentido heideggeriano, *Wesen* deve ser entendida como uma vigência, como uma espécie de movimento processual de essencialização. É preciso ter em conta que se quer reforçar a conotação verbal (capaz de ação) da expressão, retirando o seu sentido de substantivo, que seria algo pronto e acabado. Sendo assim, em vez de um miolo fixo e imutável, *essência* aqui está apontando para aquilo que faz com que a técnica moderna venha a ser isso que ela é, da forma como ela é. Ou seja, *Wesen* é uma dinâmica de realização.

E o que esta compreensão diz é que o conceito de essência, em Heidegger, afasta expressamente a noção de *quididade*, e em seu lugar insere aquela proveniente da fenomenologia. Por essência passa a se entender os modos com que uma coisa vem apresentar-se ao homem; isto significa, na verdade, que uma mesma coisa pode possuir, conforme uma determinada época, diferentes essências, bastando para isso que cada qual se manifeste, em um dado momento, diversamente do modo como outrora se manifestou (OLIVEIRA, 2006, p. 106).

Diante da dificuldade de traduzir o termo e para evitar mal-entendidos e ambiguidades, neste artigo

optamos por utilizar mais de uma palavra ou expressão que, em conjunto, dão conta de indicar, com mais precisão, o que “essência” quer dizer. Neste texto, *Wesen* vai aparecer como *vigor*, *força de realização*, *modo de ser* ou mesmo, por vezes, *Essência*, com a primeira letra em maiúsculo.

Pois quem investiga a essência de alguma coisa quer saber aquilo que ela é; e mais que isso: quer saber o que algo, *realmente*, é. Isso quer dizer que, apesar de podermos identificar diversas diferenças na realidade, não é nas características acidentais que devemos focar a análise, mas sim naquilo que é seu fundamento, sua razão de ser. Desse modo, mesmo que se possa facilmente perceber que os cavalos, por exemplo, podem ser pequenos ou grandes, fortes, pangarés, de pêlo bege, branco ou preto, ou portadores de muitas outras características, o que se quer saber é o que faz com que o cavalo seja cavalo, e que o faz da forma como o cavalo é. Expresso em outros termos, o esforço deve ser o de descobrir a cavalidade do cavalo, ou seja, sua natureza.

Esclarecemos anteriormente que Heidegger investiga a essência da técnica. E que, na verdade, sua abordagem não tem nada de essencialista, de maneira que o mais indicado é mudar a expressão utilizada para explicitar que o filósofo quer, na verdade, pensar o *vigor* da técnica moderna, quer encontrar a sua *força de realização*. É por isso que, apesar de Heidegger querer saber o que é a técnica moderna e investigar o que faz com que ela seja aquilo que é, e da forma como ela é, seu horizonte se distancia bastante das perspectivas instrumental ou antropológica, para as

quais a técnica é, respectivamente, um meio para um determinado fim e uma atividade do homem. Não que essas sentenças estejam erradas. A técnica é, de fato, uma ferramenta e uma atividade humanas. Entretanto, para estar correta, esse tipo de determinação instrumental da técnica moderna não precisa descobrir a *Essência* do que se realiza. Desse modo, para o filósofo, o correto e exato ainda não é o *verdadeiro*, e, por isso, é preciso, então, voltar a investigação para o cerne do correto e indagar seu direito a existência.

Se a concepção instrumental da técnica a determina como sendo um meio para um determinado fim, o caminho do pensamento deve, então, partir da pergunta pelo modo de funcionamento de *fim* e *meio*. É dessa maneira que a pesquisa filosófica pode, desde a problematização do correto, alcançar o que acima chamamos de *verdadeiro* – ideia que será melhor desenvolvida posteriormente. Tomemos como certo que um meio é aquilo por meio do que se faz algo para se obter alguma coisa, para se alcançar um determinado fim. Só que a estrutura meio-fim não é tão linear e evidente como distraidamente se pode supor. Nessa relação, o fim não é sempre o último, não é todas as vezes a consequência, visto que também pode ser a própria causa, o fundamento que determina o tipo de meio utilizado para se atingir um certo fim. Se pretendo cortar um pedaço de carne, por exemplo, devo usar uma faca de metal e com serra, não uma colher ou uma faca sem serra ou de madeira. Nesse caso, a carne cortada (um efeito pretendido) é, na verdade, a causa (a razão) que define a escolha (não-contingente) do meio. Sendo

assim, “onde se perseguem fins, aplicam-se meios, onde reina a instrumentalidade, aí também impera a causalidade” (HEIDEGGER, 2010, p. 13).

A investigação da verdade de *fim* e *meio* pertence, desse modo, ao domínio da causalidade. Compreender a técnica passa pela questão de entender a relação causa-consequência. Da doutrina das quatro causas, que remonta a Aristóteles, Heidegger destaca que, para a atividade técnica, a *causa finalis* é a mais importante de todas. Nela, o fim é identificado como sendo aquilo que determina a forma e a matéria do que é produzido. Isso quer dizer que, no exemplo acima, a faca deve seu modo de ser, não somente ao metal do qual ela é feita, ou ao perfil (faca com serra) no qual o metal é forjado, mas sobretudo a uma terceira causa que reúne as outras duas de maneira prévia e antecipada: a sua finalidade, isto é, faca para cortar carne. “Com este fim, porém, o utensílio não termina ou deixa de ser, mas começa a ser o que será depois de pronto. É, portanto, o que finaliza, no sentido de levar a plenitude, o que, em grego se diz com a palavra *telos*”¹ (HEIDEGGER, 2010, p. 14).

A esses três modos de responder e de dever-ser dos utensílios, a saber, *causa materialis* (de que é feito), *causa formalis* (sua forma ou figura) e *causa finalis* (para qual fim), devemos acrescentar a *causa efficiens*, isto é, o ferreiro que produz o efeito, a faca pronta e acabada. As quatro causas pertencem uma a outra, numa relação

¹ Apesar de, no original, o termo estar grafado no alfabeto grego, optamos pela sua transliteração para caracteres latinos. O mesmo procedimento foi adotado em todas as demais citações deste artigo.

de interdependência mútua, sendo que, na experiência do fazer técnico, o que é ontologicamente primeiro é a sua unidade de coerência: para um determinado fazer. É ele que articula e conduz as outras três causas.

Quem faz alguma coisa precisa se submeter aqui à natureza daquilo que é feito e a uma série de procedimentos determinados, para que possa produzir algo realmente condizente com a finalidade de produção. Sem uma tal submissão, o produto nunca se mostraria ao final como aquilo que ele realmente é (CASANOVA, 2010, p. 224).

Isso significa que não está na vontade ou no arbítrio do ferreiro fazer uma faca com o material que lhe vier na cabeça, ou na forma que bem entender. Não dá para fazer uma faca de papel e com o perfil de um tijolo, por exemplo, sob pena de o utensílio ou ferramenta não se finalizarem, isto é, não serem levados a sua plenitude, não serem aquilo que são. Na dimensão do artesanato, faca para cortar carne é de metal e possui serras de modo a cumprir adequadamente com sua função. Na sua vida diária, o ferreiro “apenas” escuta e obedece ao modo de ser daquilo que produz. Como *causa efficiens*, o ferreiro, ou qualquer que seja o artesão, é sim um elemento fundamental no movimento de trazer algo à vigência, mas isso não significa que ele seja o único responsável pelo que se realiza. Ao contrário, o artesão atua como uma espécie de intermediário que sintetiza as outras três causas, de acordo com o que é próprio a cada modo de ser.

No sentido da antiguidade grega, é na dimensão da *produção (poiésis)* que esses modos de responder e

dever-ser se articulam para fazer com que algo venha a viger, em sua vigência. Somente na atividade de fazer vir a ser, aquilo que ainda não é, que os quatro modos de deixar-viger os entes são regidos e atravessados, de maneira uniforme, por um certo modo de condução. “Platão nos diz o que é essa condução numa sentença do Banquete (205b): [...] Todo deixar-viger o que passa e procede do não-vigente para a vigência é *poiésis*, é produção” (HEIDEGGER, 2010, p. 16).

A *produção* é, assim, a dinâmica de articulação na qual tudo aquilo que ainda não é passa a ser. Isso vale para o artesanato, que cria, por meio de trabalhos manuais, produtos como a faca do nosso exemplo anterior, mas vale também para outras atividades humanas. Há *produção* operada pela arte, quando esta conforma e faz aparecer a palavra por meio de um romance, por exemplo. Até mesmo a própria natureza é poética (no sentido de *poiésis*), na medida em que faz aparecer algo que até então não existia. Nesse último caso, *poiésis* é *physis*: é um tipo de *produção* que se faz, desde si mesma, como o aparecimento e crescimento de uma flor, para usar de um exemplo lírico, ou o surgimento e disseminação de um novo e mortal vírus, resultado de uma espontânea mutação genética, em um exemplo mais catastrófico. A *physis* é o único modo de *desencobrimto* (*Unverborgenheit*) que eclode desde si mesmo, sendo que a técnica (*téchne*) é o modo de *poiésis* que é produção pela mão do homem. Em resumo, pode-se dizer que tanto aquilo que eclode porque emergiu espontaneamente, quanto o que se realiza através do artesanato e da arte são modos de se pro-duzir.

A pro-dução conduz do encobrimento para o desencobrimento. Só se dá no sentido próprio de uma pro-dução, enquanto e na medida em que alguma coisa encoberta chega ao des-encobrir-se. Este chegar repousa e oscila no processo que chamamos de desencobrimento. Para tal, os gregos possuíam a palavra *alétheia* (HEIDEGGER, 2010, p. 16).

Conforme já vínhamos indicando, a *produção* gera o desencobrimento do que outrora ainda não era vigente. *Alétheia* é o nome grego para esse modo, por meio do qual, cada ente vem a ser isso que ele é. A palavra é formada pelo prefixo de negação “a” e “létheia”, que significa encobrimento, velamento. Ao contrário do que muitas traduções nos fazem crer, *alétheia* nada tem a ver com *verdade*, no sentido de adequação da proposição do “sujeito” ao “objeto”, não se trata de verdade da representação. Antes disso, *alétheia* carrega o significado de uma dinâmica de tensão, um movimento ambíguo que realiza, ao mesmo tempo, tanto o encobrimento quanto o des-velamento de mundo. É desse modo, então, que toda *produção* acontece. Desde desencobrimento, *alétheia* faz aparecer, traz a existência aquilo que se realiza, ao mesmo tempo em que encobre a dinâmica de sua própria realização.

É por isso que afirmamos anteriormente que, apesar de estar correta, a determinação instrumental da técnica não a diz, em verdade. Reforçamos que não estamos aqui defendendo a existência de uma substância da técnica moderna, no sentido de uma essência objetivada. Não é essa a verdade aqui

pretendida. O que se quer indicar é que, como qualquer outro modo de produção, a própria técnica, não é apenas um meio para um determinado fim ou uma simples atividade humana, como as perspectivas instrumentais e antropológicas compreendem. Apesar de corretos, esses horizontes de análise deixam escapar que a técnica – no sentido clássico, ou mesmo como técnica moderna – é uma forma de *desencobrimiento*.

Questionando passo a passo a técnica, e analisando detalhadamente a concepção de que ela é um instrumento para que o homem alcance certos objetivos, Heidegger chega à estrutura de desvelamento de mundo. É desde o desencobrimiento que, qualquer que seja a elaboração produtiva, se efetiva. Nessa compreensão, não se pode mais afirmar que a técnica é uma ferramenta isenta e a disposição do homem, como se fosse um simples meio, completamente livre para utilizá-la conforme bem entendesse.

A técnica não é, portanto, um simples meio. A técnica é uma forma de desencobrimiento. Levando isso em conta, abre-se diante de nós todo um outro âmbito para a essência [*Wesen*] da técnica. Trata-se do âmbito do desencobrimiento, isto é, da verdade (HEIDEGGER, 2010, p. 17).

O filósofo quer chamar a atenção, na passagem acima, para o fato de que, ao contrário do que entende o senso comum, a técnica não é nem poderia ser uma atividade neutra. Isso porque toda e qualquer forma de desencobrimiento é, por princípio, uma *produção* interessada de mundo. O desvelar da técnica é a assunção de uma forma de *produção* que, como já

afirmamos, conduz do não-vigente para a vigência sempre atravessada por um modo de condução, de articulação dos quatro modos de se deixar-viger. Por definição, cada modo próprio e específico de desvelamento é regido e conformado desde uma perspectiva do aparecer, segundo certa forma particular de fazer vir a ser tudo aquilo que é, e não a partir de outra. E, ontologicamente, esse interesse é sempre primeiro; é aquilo em que sempre já estamos inseridos, pelo que o homem é tomado e tocado, ou seja, nunca é uma escolha dele.

É claro que é o homem quem produz as diversas aplicações e dispositivos tecnológicos, mas, por outro lado, o homem não pode se colocar fora de um mundo, de um determinado contexto, desde o qual a técnica já opera uma forma de desvelamento. E é sempre a partir de um determinado interesse que a técnica trabalha. Para entender como esse interesse se realiza, é preciso levar em conta que a ação da tecnologia é um fazer que coloca um tipo de verdade (enquanto *alétheia*) em funcionamento. É desde essa verdade que sempre já estamos: “Técnica é uma forma de desencobrimento. A técnica vige e vigora no âmbito onde se dá descobrimento e des-encobrimento, onde acontece *alétheia*, verdade” (HEIDEGGER, 2010, p. 18).

A própria origem da palavra *técnica* pode ser uma boa fonte para continuarmos seguindo o caminho em direção ao seu *vigor*, isto é, na busca pelo *modo de ser* fundamental da técnica moderna e da ação que ela põe em funcionamento. Técnica é uma palavra proveniente do grego (*téchne*) que indica justamente

um certo saber fazer que diz respeito não somente à lida artesanal, como por exemplo, uma técnica indígena de confecção de cestas de palha, como também é válido para um saber artístico, como é o caso de uma certa técnica de uso do pincel para obter um efeito na pintura de telas. Dessa maneira, no pensamento grego antigo, *téchne* é uma palavra que indica um determinado modo de conhecimento, que aponta para um certo saber-fazer. Assim como a *episteme*, a *téchne* é uma palavra para o conhecimento de modo amplo, sendo que a *téchne* é uma forma que descobre “o que não se produz a si mesmo e ainda não se dá e propõe, podendo assim apresentar-se e sair, ora num, ora em outro perfil” (HEIDEGGER, 2010, p. 17).

É que, conforme já indicamos anteriormente, a *téchne* é um modo de descobrimento, cuja dinâmica é *poiésis*, e que precisa da mão do homem para se presentificar. Dessa maneira, sua principal característica está ligada ao fato de ser uma *produção* na qual, de acordo com a finalidade (*causa finalis*), pode-se articular antecipadamente, numa unidade de coerência, a matéria (*causa materialis*), o perfil (*causa formalis*) do produto e sua realização (*causa efficiens*), para, assim, melhor se deixar conduzir, isto é, se guiar pelo que é mais adequado para a consumação de algo, para levar um determinado fazer a sua plenitude. “O decisivo da *téchne* não reside, pois, no fazer e manusear, nem na aplicação de meios, mas no descobrimento mencionado. É neste descobrimento e não na elaboração que a *téchne* se constitui e cumpre em uma *pro-dução*” (HEIDEGGER, 2010, p. 18).

Uma passagem de *Einführung in die Metaphysik* (Introdução à metafísica) confirma e esclarece essa perspectiva da *téchne* para o pensamento grego: ela é uma forma de *produção* ligada a um saber-fazer desde o qual tudo se articula numa condução/orientação.

Physis se restringe a partir de sua oposição a *téchne* – que não significa nem arte nem técnica e sim um *saber*, a disposição competente de instituições e planejamentos bem como o domínio dos mesmos (Cf. *Fedro* de Platão). A *téchne* é criação e construção, enquanto *pro-dução* sapiente (HEIDEGGER, 1999, p. 46).

O ferreiro, para continuar com o mesmo exemplo, domina uma técnica, ou seja, é portador de um saber. Esse saber diz respeito, não somente à manipulação de metais propriamente dita, ou seja a sua lida manual, mas também às características de cada metal, de cada liga, além do comportamento das combinações, forjadas nos diversos tipos de perfis existentes e seus usos e aplicações. Desse modo, um ferreiro é aquele que conhece o metal, suas utilizações e a melhor maneira de conformá-lo para se atingir uma determinada finalidade. É o profissional que conhece a matéria, suas formas e, por isso, sabe levar as ferramentas a sua plenitude, pensando-as, não a partir de um saber teórico-especulativo, mas desde um determinado fazer. É um saber que não tematiza muito os porquês, mas que sabe muito bem como as coisas são.

“*Téchne*” fala da natureza ou do modo de ser do movimento disso que, não estando ou não sendo encontrado à mão no mundo ou na circunstância,

vem à luz, assim se abrindo, se instaurando e se oferecendo ao uso do homem desde a própria ação ou intervenção do próprio homem – por exemplo, a mesa, o papel, a caneta, a casa, o automóvel, o míssil nuclear. O homem só é, só pode ser se fazendo e ele se faz agindo, isto é, lidando com as coisas da circunstância, com o mundo, transformando-o assim em seu lugar, em sua casa, em sua habitação (FOGEL, 1998, p. 126).

É, então, razoavelmente fácil concordar que esse modo de articulação da técnica (*téchne*), determinada pelo pensamento grego antigo, dá conta de explicar muito bem a produção artesanal e artística, mas fica a dúvida se essa compreensão alcança a moderna técnica, que se caracterizaria por estar assentada em uma infinidade de máquinas e aparelhos, o que poderia mudar tudo. Aparentemente, e num primeiro momento pode-se afirmar que a *técnica moderna* – justamente aquilo que nos interessa aqui compreender – difere bastante das anteriores. Outro ponto que também marca uma profunda diferença entre as duas técnicas é que a técnica moderna é tecnologia, cujo sentido (*lógos*) é o da ciência. Isso porque os modos de operar e os feitos da técnica moderna estão sempre associados à moderna ciência exata da natureza, que determina o seu encaminhamento. Entretanto, não se pode deixar de também indicar que o inverso, da mesma forma, é verdadeiro: como ciência experimental, a física moderna, por exemplo, também depende da existência e do desenvolvimento de aparelhos e dispositivos tecnológicos.

Apesar dessas diversas particularidades existentes nas duas modulações da técnica, Heidegger confirma que a técnica moderna também é uma forma de *desencobrimento*. Só que, em maior grau, a técnica moderna põe em funcionamento um certo desvelamento que *não* se desenvolve numa *pro-dução*, no sentido de *poiésis*. Essa é sua principal diferença na comparação com a *téchne* grega. Sendo uma forma de desvelamento, a técnica moderna é uma *pro-vocação*, uma intimação, uma espécie de requisição ou imposição, que opera desde um tipo de verdade. Mas que verdade é essa? O desencobrimento que vigora e governa a técnica moderna é o da *contínua exploração da natureza para a obtenção de energia e seu armazenamento*.

Desse modo, na técnica moderna o subsolo de vastas regiões passa a se descobrir como reserva de minério. A brisa do mar de desvela como energia eólica, e até mesmo o próprio sol não nos aparece mais como um deus, nem mesmo como o astro rei ou estrela, mas sim como energia solar pronta para ser captada e armazenada.

Conduzir ou reger todas as ocupações à medida da máquina significa pois: Colocar ou sub-por toda a vida, todo existir, sob a ótica do apoderamento e do controle da natureza e assim realizar ou concretizar este existir, este viver. [...] Quem assim vive, promove (ou seja, rege, orienta, conduz) todo processo de afloramento e de realização da vida a partir da dominação da atitude ou da postura que se propõe dominar, apropriar, controlar a natureza, assim, assegurando-se dela e de si próprio (FOGEL, 1998, p. 94).

Era diferente a relação que a *téchne* mantinha com a natureza. *Téchne* é *poiésis* justamente porque é uma atividade que não subjuga a *physis*. O agricultor que não fazia uso da tecnologia, mas da técnica (*téchne*), por exemplo, guardava um respeito muito grande com o seu fazer e com a própria terra. Cultivar significava sobretudo escutar: isso quer dizer que, antes de mais nada, era preciso conhecer as características do local, como temperaturas médias, regime de chuvas, fertilidade do solo, para, então, semear aquilo que fosse possível, e ainda cuidar e tratar de tudo sem atropelos. Não lhe seria possível plantar eucalipto em uma área muito seca, já que essa é uma planta que necessita de muita água. Também não poderia plantar café arábica em baixas altitudes, pois essa cultura precisa de um clima mais ameno para se desenvolver.

Era, então, preciso articular o que havia disponível, a realidade, com determinada finalidade: o plantio de certa cultura. Nesse modo de condução, tudo é regido e atravessado pelos quatro modos de deixar-viger e se desencobre pela mão do homem, que é quem sintetiza, numa unidade de coerência, a finalidade (certa cultura) e as características do local de plantio, os meios mais adequados. Sem tecnologia, o trabalho do agricultor não provoca, intima ou desafia a natureza. Antes de qualquer coisa, ele é uma *produção*, e como tal, precisa obedecer a natureza, seu modo próprio de ser.

Com o advento da técnica moderna muita coisa mudou. Surgiu a crença de que, por meio da tecnologia, o homem pode tudo. Se a região é seca, planta-se eucalipto mesmo assim, e desvia-se córregos para

alimentar as máquinas e os aparelhos de irrigação. Se a natureza do café arábica é crescer em temperaturas não muito altas, pode-se plantá-lo em áreas quentes, bastando para isso realizar uma alteração nessa característica. A pesquisa e o desenvolvimento de espécies transgênicas, os organismos geneticamente modificados, realizam justamente esses “pequenos ajustes”. No desencobrimento da técnica moderna o homem procura conhecer a natureza, não para se ajustar às suas necessidades, mas para dominá-la por completo, corrigi-la e, até mesmo, substituí-la. Ele provoca e desafia a realidade o tempo inteiro: parece que, na tecnologia, é a natureza quem se ajusta as vontades do homem, e não o contrário. Nesse encaminhamento, o cerrado brasileiro, por exemplo, dá lugar a imposição da monocultura da soja, isto é, a indústria mecanizada e multinacional da produção de *commodities*.

Esta dis-posição, que explora as energias da natureza, cumpre um processamento, numa dupla acepção. Processa à medida que abre e ex-põe. Este primeiro processamento já vem, no entanto, pré-dis-posto a promover uma outra coisa, a saber, o máximo rendimento possível com o mínimo de gasto (HEIDEGGER, 2010, p. 19).

Isso quer dizer que, ao explorar a natureza, a disposição da técnica moderna não o faz de uma maneira qualquer. O modo como esse desencobrimento é realizado segue uma determinada configuração. É uma pré-disposição que, além de enxergar no cerrado, indústria de *commodities*, quando assim o vê – e isso vale para qualquer outro exemplo – o vê desde uma

pré-compreensão na qual é preciso explorá-lo ao máximo gastando o mínimo possível. Dessa forma, o cerrado, não somente é lavoura de soja para exportação, como também deve alcançar alta produtividade, sem que muitos recursos precisem ser dispensados. É por isso que nas extensas faixas de floresta que serão destinadas à cultura se faz o uso de correntes puxadas por tratores, para limpar o terreno, ou ateia-se fogo a vegetação nativa, antes do plantio; estratégia que reduz tudo o que encontra pela frente a obstáculo que precisa ser rapidamente contornado. Também, caso o solo não responda mais às necessidades da planta, basta desmatar uma outra área de floresta depois de esgotar os terrenos já explorados.

A Natureza transforma-se num único posto de abastecimento gigantesco, numa fonte de energia para a técnica e indústria modernas. Esta relação fundamentalmente técnica do Homem com o todo do mundo surgiu pela primeira vez no século XVII, na Europa e unicamente na Europa. Permaneceu desconhecida das restantes partes da Terra durante longo tempo. Era totalmente estranha às épocas precedentes e aos destinos dos povos de então. O poder oculto da técnica contemporânea determina a relação do Homem com aquilo que existe. Domina a Terra inteira (HEIDEGGER, s/d., p. 19).

Essa dominação não deixa, isto é, não oferece oportunidade e ocasião para os entes se realizarem, fora da perspectiva da exploração. Esse modo de desencobrimento atinge, hoje, até mesmo os rincões mais distantes das grandes cidades. Como obra da técnica moderna, a usina hidrelétrica de Belo Monte,

que atualmente está sendo construída no rio Xingu, no estado do Pará, é um exemplo que segue a mesma relação com o seu contexto. A hidrelétrica vai dispor do rio e das áreas que serão alagadas, para fornecer pressão hidráulica, que, por sua vez, vai dispor as turbinas a girar, cujo giro impulsiona uma série de máquinas e aparelhos. São esses mecanismos que produzirão a corrente elétrica que poderá, então, ser transmitida. Curioso é notar que nessa cadeia interdependente de dis-posições, o próprio rio Xingu aparece, não como simples rio, mas como dis-positivo. Nesse sentido, talvez seja mais correto afirmar que não é a usina que estará instalada no rio, mas justamente o contrário: é o rio, como dis-positivo, que ficará instalado na usina. Dessa forma, é ele quem deve se adaptar. Torna-se, assim, extremamente legítimo e até mesmo indispensável, passar por cima de interesses indígenas e represar o Xingu, alagar quilômetros de florestas para, assim, produzir a pressão hidráulica e, então, dispor as turbinas a girar.

O dis-ponível tem seu próprio esteio. Nós o chamamos de dis-ponibilidade (*Bestand*). Esta palavra significa aqui mais e também algo mais essencial que mera “provisão”. A palavra “dis-ponibilidade” se faz agora o nome de uma categoria. Designa nada mais nada menos do que o modo em que vige e vigora tudo o que o descobrimento explorador atingiu (HEIDEGGER, 2010, p. 20-21).

O rio, a floresta, o solo, a montanha, ou o que quer que seja, se descobrem de um modo, cada vez mais frequente e em todas as dimensões da atividade

humana, como aquilo que Heidegger chama de disponibilidade. O pensador destaca que o sentido do termo extrapola a noção que temos de provisão. É verdade que essa investigação da técnica moderna nos leva a conclusão de que a natureza, se revela, nesse modo específico de desencobrimento, como um grande reservatório, um arquivo pronto e a disposição, uma espécie de grande e infinita despesa da qual o homem, não somente pode, como também deve se servir à vontade. Então, até certo ponto, disponibilidade quer mesmo dizer provisão. A questão chave é que essa forma de se relacionar e de desencobrir o real se tornou, na atualidade, um tipo de categoria particular: é a forma, antecipada, como se organiza tudo o que a vigência da técnica moderna alcançou; é a força desde a qual se desvela o que é explorado. A técnica moderna:

[...] promove a ideologia ou a positividade do poder como agigantamento do controle, como gigantismo do apoderamento e da manipulação. A natureza é, então, exclusivamente objeto de apoderamento, de controle, de uso, de manipulação, de consumo – *energia para*. Dominando a máquina, isto é, a atitude ou postura que traz a máquina à tona e à vigência de dominação, tudo, *de repente*, se torna ração de engorda, tudo vira gado de corte ou, o que é a mesma coisa, potencial energético, *reserva* (FOGEL, 1998, p. 96-97).

Tudo o que aparece nessa perspectiva se realiza do mesmo modo: como disponibilidade. Chegamos ao ponto em que, sem dúvida alguma, essa é a maneira hegemônica de aparecimento dos entes. O automóvel, por exemplo, se descobre como disponibilidade à

medida que está dis-posto a assegurar a possibilidade de transporte. O computador está dis-posto a fornecer informações, entretenimento e executar as mais variadas tarefas. É interessante notar que mesmo aqueles objetos que não foram produzidos pelo homem, se revelam, “em essência”, como dis-positivos, isto é, potenciais aparelhos para a exploração humana, como são os casos, já citados, do subsolo, dos rios, do sol ou do próprio vento.

Abrimos aqui um pequeno parêntese para, a partir das diferenças linguísticas, olhar com mais atenção para o que “estar disposto” quer apontar. Como se sabe, o português falado em Portugal reserva algumas surpresas aos brasileiros. Uma delas pode nos ajudar a entender melhor o sentido dessa expressão, na concepção heideggeriana. No país, é muito comum, no lugar de um simples “bom dia”, ou mesmo logo a seguir a este, ouvir a seguinte indagação: “Estás bem disposto?” No Brasil, a pergunta parece expressar uma preocupação com alguém que está convalescente, isto é, que esteve doente e que ainda não está totalmente recuperado. Nesse horizonte, a questão se interessa em saber se houve melhora; se a pessoa sente-se mais saudável que antes. Não é, absolutamente, esse o uso português da pergunta. Em Portugal, não é preciso ter estado doente para ser questionado sobre a disposição com a qual se acordou e que, talvez, se vai carregar para o resto do dia. Pergunta-se isso a todos, indistintamente. A disposição, nesse último uso, parece apontar para um modo de se portar e de se colocar frente aquilo que vier durante o dia. É um encaminhamento desde o qual se

tempera, isto é, se regulam as nossas relações com o mundo. Estar bem disposto, nesse caso, é apresentar uma espécie de estado de desembaraçamento, de distribuição ordenada de energias e esforços.

A comparação clama por um esclarecimento. Com o parêntese, não queremos dizer que o homem é o responsável pelo modo como tudo aquilo que é se realiza. Ao afirmar que podemos estar bem ou mal dispostos, não estamos querendo indicar que o tipo de desencobrimento está nas mãos do sujeito, que seria livre para escolher a forma que bem entendesse ou para alterar a vigência daquilo que se desvela de determinado modo. Apesar de ser o lugar de manifestação de toda a realidade, na verdade, o homem não é a sua causa.

O homem pode, certamente, representar, elaborar ou realizar qualquer coisa, desta ou daquela maneira. O homem não tem, contudo, em seu poder o desencobrimento em que o real cada vez se mostra ou se retrai e se esconde. Não foi Platão que fez com que o real se mostrasse à luz das ideias. O pensador apenas respondeu ao apelo que lhe chegou e que o atingiu (HEIDEGGER, 2010, p. 21).

É o homem quem realiza os feitos da técnica moderna, ninguém pode negar, mas ao fazê-los, ele não obedece a si mesmo, mas ao próprio desencobrimento da disponibilidade. E mais que isso: nessa tarefa, o homem responde a um chamado, de maneira que não é ele quem tem a técnica, mas justamente o contrário: é a técnica moderna que o tem, isto é, que o alista e convoca de determinada maneira.

O homem responde ao apelo do que se realiza e que o atinge. Nesse sentido, até de modo mais originário do que a própria natureza que é explorada, o homem também pertence a dis-ponibilidade.

O produtor de café das montanhas do Espírito Santo, por exemplo, que aparentemente cultiva o grão do mesmo modo que os primeiros imigrantes europeus que colonizaram a região, hoje está à dis-posição da indústria exportadora de café verde ou das usinas brasileiras de torrefação. Mesmo que ele não venda diretamente a sua produção para uma dessas indústrias, ele o fará para um atravessador, o chamado corretor de café, que por sua vez, está diretamente à dis-posição dos industriais. Esses industriais, por sua vez, estão à dis-posição da demanda internacional da bebida, que oscila a cotação para mais ou para menos, aumentando ou reduzindo os seus lucros, numa sucessão integrada de dis-posições.

Todavia, precisamente por se achar desafiado a dispor-se de modo mais originário do que as energias da natureza, o homem nunca se reduz a uma mera dis-ponibilidade. Realizando a técnica, o homem participa da dis-posição, como um modo de desencobrimento. O desencobrimento em si mesmo, onde se desenvolve a dis-posição, nunca é, porém, um feito do homem, como não é o espaço, que o homem já deve ter percorrido, para relacionar-se, como sujeito, com um objeto (HEIDEGGER, 2010, p. 22).

É que o homem é o vivente para o qual chegam os apelos. É ele quem sempre é tomado e tocado e que se vê, a cada vez, imerso em uma possibilidade de

desencobrimto. Ao responder ao chamado e requisição da técnica moderna, o homem é desafiado a dis-por-se de um modo, a se comportar de determinada maneira. E quando o faz, isso acontece ainda mais arcaicamente do que a própria dis-posição da natureza, e por isso, ele não é apenas mera dis-ponibilidade. Ele é, na verdade, o lugar, *sine qua non* de realização do que se descobre, seja como dis-posição, seja como qualquer outra forma de desencobrimto, sem, no entanto, se tornar o senhor dessa dinâmica de realização. Mais uma vez, reforçamos que o desvelamento não é um simples feito do homem. É algo ontologicamente anterior a ele próprio como “sujeito” e que também antecede os chamados “objetos”, que supostamente se opõem a ele. Há, na verdade, um poder de sedução que guia o homem e o convoca a descobrir o real de determinado modo.

Por isso, temos que encarar, em sua propriedade, o desafio que põe o homem a dis-por do real, como dis-ponibilidade. Este desafio tem o poder de levar o homem a recolher-se à dis-posição. Está em causa o poder que o leva a dis-por do real, como dis-ponibilidade (HEIDEGGER, 2010, p. 22-23).

O poder desse tipo de desencobrimto particular, no qual o homem é, de alguma maneira, chamado a dis-por do real como dis-ponibilidade, reside na ação que a técnica moderna é capaz de levar a cabo. Uma ação que difere bastante do agir da *téchne*, sobretudo com relação aos seus propósitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Tradução: Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FOGEL, Gilvan. “Do ‘coração-máquina’ – Ensaio de aproximação à questão da tecnologia”. *Da Solidão Perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 91 – 130, 1998.

HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica”. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. *Ensaio e Conferências*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, p. 11-38, 2010.

_____. *Introdução à Metafísica*. 4a. ed. Tradução: Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

_____. *Serenidade*. Tradução: Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, s/d.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. “Introdução à Carta Sobre o Humanismo”. In: HEIDEGGER, Martin. *Carta sobre o humanismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

OLIVEIRA, Rubem Mendes de. *A questão da técnica em Spengler e Heidegger*. Belo Horizonte: Argumentum: Tessitura, 2006.